

O CONTO DO PRESÉPIO DAS CRIANÇAS

Aproximava-se o Natal...

Um sacerdote procurava na sacristia da sua igreja um presépio que pudesse ser montado para ajudar os seus paroquianos a preparar-se bem para o Natal... Queria encontrar um presépio que fosse bonito, cujas figuras retratassem bem o que se tinha passado na gruta de Belém... e que, ao mesmo tempo, tocasse profundamente o coração das pessoas.

No entanto, estava muito difícil encontrar um presépio que lhe agradasse e que transmitisse tudo o que se havia passado naquela encantadora noite. Ele já havia repassado tantas vezes a cena de Natal ao ler os Evangelhos, e já a havia reproduzido tão detalhada-mente na sua rica imaginação, que qualquer representação lhe parecia pobre demais.

Quando já estava para desistir da sua procura, encontrou uma grande caixa com os seguintes dizeres: “O presépio das crianças”. A sua esperança reacendeu-se. Ansioso, abriu a caixa e viu umas imagens bonitas, mas muito singelas. Além de não o satisfazerem, não entendeu o motivo de lhe terem chamado “o presépio das crianças”, já que as imagens não se pareciam em nada com os bonecos do mundo dos sonhos das crianças; pelo contrário, eram muito simples e realistas... Na falta de algo melhor, porém, pôs aquele presépio mesmo na sua igreja.

Muitos pais levavam os seus filhos, depois da Missa, para contemplarem mais de perto as imagens. O padre observava que a maioria das crianças se encantava principalmente com os animais do presépio: com o boi e a mula, com as ovelhas...; poucas reparavam também no Menino pequenino deitado sobre as palhas da manjedoura, sob o olhar atento e carinhoso dos seus pais.

Quanto mais observava, mais o padre se decepcionava com os resultados do seu presépio, pois não falava ao coração das pessoas como ele esperava, não as animava a preparar o seu coração para o Natal... E pensava consigo: “As pessoas não sabem entrar no presépio, não descobriram as chaves que abrem as portas do verdadeiro presépio de Belém. E assim não abrem as portas do seu coração para que Deus entre nele e ali possa nascer”.

Começou então a rezar, pedindo a Deus que lhe concedesse uma graça muito especial, a de que aquele presépio “falasse ao coração das pessoas”: que lhes dissesse o que precisavam fazer ou mudar nas suas vidas para que o Menino-Deus pudesse abrigar-se ali no dia de Natal.

Além de pedir, escreveu um cartaz, que pôs ao lado do presépio: “Não se limite a olhar o presépio. Deixe que os personagens lhe falem. Ouça as suas confidências e impressões pessoais sobre o nascimento de Jesus”.

E algo impressionante começou a acontecer... Muitas pessoas começaram a passar longo tempo diante do presépio, olhando fixamente para as imagens. E muitos comentavam emocionados: “Este presépio diz-me tanto!”, “Que lição de vida este presépio me deu!”

Foram tão freqüentes esses comentários, que o sacerdote começou a ficar intrigado, e, tomando coragem, atreveu-se a perguntar a uns e outros:

– Por que você diz isso? – Padre, o senhor, que é o dono do presépio e escreveu essas frases no cartaz, é quem melhor devia saber; por que me pergunta a mim? – respondeu um dos interrogados.

Outro comentou:

– Este presépio é muito especial: fala diretamente ao coração, sem palavras. Não contente com essas respostas vagas, o sacerdote passou a insistir:

– Por favor, conte-me então o que o presépio lhe disse, que lição de vida lhe ensinou.

A LIÇÃO DOS PASTORES: DESPRENDIMENTO

A primeira pessoa a quem perguntou era um homem muito bem apessoado, vestido com um terno muito elegante, e que lhe respondeu com muita gentileza:

Padre, o presépio disse-me ao coração exatamente o que eu precisava ouvir. Antes de vir aqui olhá-lo, andava de coração apertado, não porque a minha vida corresse mal, mas, pelo contrário, porque corria bem demais. O problema é que assim eu estava colocando o meu coração nas coisas deste mundo, e desse modo me ia afastando de Deus. Deixe-me explicar-lhe.

Posso dizer que sou um homem profissionalmente bem-sucedido, que tenho um bom ordenado, que nada de material me falta. Mas quanta falta sentia de ter sempre mais! Mal acabava de comprar alguma coisa – uma roupa, um celular, um computador, um carro... –, já me parecia insuficiente. Logo começava a sonhar com algo melhor, mais bonito e vistoso, mais confortável, mais rápido, mais bem equipado... E essas coisas passaram a ocupar grande parte do meu tempo mental.

Além do mais, comecei a ficar cheio de medos bobos: de ficar desempregado, de os meus negócios passarem a correr mal, de perder os bens que tinha conquistado, de ter que deixar as mordomias que tinha... Tinha muito medo de ficar pobre. E devo reconhecer também que passei a valorizar as pessoas pelo seu modo de vestir – se andavam com roupas de grife – ou pelo seu status social – se ocupavam uma posição de destaque na sociedade, se tinham sobrenome, se tinham posses...

Ao aproximar-me do presépio, como não podia deixar de ser, atraíram-me as figuras dos reis magos com as suas ricas vestes, os seus tesouros, toda essa pompa que se espera dos reis. Foi quando li o seu cartaz: “Deixe que os personagens lhe falem” e, quase sem pretendê-lo, dirigi-me aos reis e perguntei-lhes:

– Meus caros amigos – tinham tudo para serem meus amigos: dinheiro, status, posses e pose –, digam-me por que, no presépio, ao lado dos senhores se encontram esses pastores maltrapilhos?

Qual não foi a minha surpresa quando percebi que podia ouvir as suas vozes no meu coração:

– Porque eles chegaram primeiro... Quando nós chegamos, eles já estavam aqui. E por sinal, foram tratados por Deus de maneira ainda mais atenciosa do que nós. Nós recebemos o convite para nos pormos a caminho da gruta através da Estrela de Belém. Quanto a eles, Deus envolveu-os com o seu esplendor e enviou-lhes um cortejo de anjos do céu que anunciavam alegremente o nascimento do Messias: “Eis que vos anuncio uma boa nova, que será para todo o povo: hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo Senhor!” – É verdade! – ouvi a voz de um pastor –. Mas que susto levamos! Com que medo ficamos! Tanto que o anjo começou por acalmar-nos, dizendo suavemente: “Não tenham medo”. Padre, para falar a verdade, não gostei muito dessa interrupção na minha conversa com o rei. E perguntei-lhe baixinho:

– Mas por que Deus trataria assim uns homens pobretões? O rei respondeu-me:

– Você já deu a resposta. Exatamente por serem pobres no sentido mais profundo das palavras, pois têm o coração desprendido das coisas da terra. Por que Deus não havia de compartilhar o seu nascimento com aqueles que compartilhavam da sua pobreza?

O pastor ouviu tudo e mais uma vez interveio:

– Jesus não viveu uma pobreza como a nossa. Nós somos pobres, mas não tanto como Ele! Os nossos filhos têm uma casa onde nascer, uma cama onde dormir, o abrigo de um teto... Jesus não teve casa onde nascer: o seu berço foi uma manjedoura coberta de palha, e o calor veio-Lhe do bafô de um boi e de um burro, que não dava para muito no frio daquela noite. Agora me lembro também de que a pobreza foi o sinal que o anjo nos deu para que pudéssemos reconhecer o Messias: “Achareis um recém-nascido envolto em panos e posto em uma manjedoura”. Que pobreza extrema! Diante disso, exclamei:

– Mas por que Deus preferiu a pobreza? Por que quis nascer assim?

Disse-me o pastor:

– Também não sei. Só sei que não Lhe faltou nada, pois tinha o amor de duas criaturas maravilhosas: Maria e José. E ao vermos a alegria daqueles pais, entendemos que, para ser feliz, o mais importante não é ter uma vida abastada, confortável, cômoda, mas um coração enamorado, apaixonado por Deus!

Padre, emocionei-me com aquelas palavras tão simples e profundas do humilde pastor, que me davam uma enorme lição de vida. Fiquei pensativo. E diante do meu silêncio, o rei completou o que eu precisava ouvir:

– Como foi bonito o gesto dos pastores na noite de Natal! Ao encontrarem o Menino Jesus na manjedoura, adoraram-no e deram generosamente à Sagrada Família tudo o que podiam e que certamente lhes fazia falta: pão, queijo, leite, um cordeirinho novo.

O pastor interveio:

– Mas, senhores reis, vocês também deram tudo o que podiam – ouro, incenso e mirra –, e essas coisas valiam muito mais do que as nossas pobres prendas. E ao colocarem esses presentes tão valiosos aos pés de Jesus, transmitiram ao mundo inteiro esta mensagem: “Todo o ouro do mundo, ao lado do nosso Deus, de Jesus Menino, é pó. Todas as coisas materiais, se não nos levam a adorar a Deus, se não as usamos de acordo com o espírito de Cristo para louvar e servir a Deus e amar os outros, são lixo, são lama em que nos atolamos”.

O rei respondeu:

– Assim é. Concordamos plenamente: o verdadeiro tesouro é ter o coração desprendido, ter um coração capaz de maravilhar-se com aquilo que realmente tem valor aos olhos de Deus: a generosidade, a doação, o amor... Um coração apegado e egoísta não saboreia as coisas do alto, as maravilhas de Deus. Padre, assim terminou esse diálogo que pude ouvir no meu coração. Fiquei parado aqui um bom tempo, pois uma vez entendida a lição do presépio dirigida ao meu coração, devia assimilar tudo e mudar de conduta. Por isso, diante de Jesus na manjedoura disse-Lhe:

– De agora em diante, vou-me esforçar por contentar-me com pouco..., com o mínimo necessário para passar a vida com sobriedade e temperança; – procurarei não criar falsas necessidades, levado por caprichos pessoais. Não irei mais à caça de bens supérfluos;

– não me queixarei mais quando sentir falta de algo na minha casa. Oferecerei essa limitação a Deus, que sofreu verdadeiras privações na sua vida; – não julgarei mais o valor das pessoas pelas aparências..., pois entendi que os verdadeiros ricos, aos olhos de Deus, são os pobres em espírito; – e procurarei adorar só o meu Deus, que é o meu verdadeiro tesouro, o único que nunca pode faltar na minha vida. Impressionado, o padre deu graças a Deus por ter falado ao coração daquele homem, que assim tinha escancarado as portas do seu coração para permitir a Jesus que nascesse nele no Natal.

A LIÇÃO DOS REIS MAGOS: ASSUMIR COMPROMISSOS COM DEUS

A segunda pessoa de quem o sacerdote se aproximou foi um rapaz. Era um jovem entusiasmado pela vida, com grandes sonhos por realizar, com um coração bom, com desejos de se comportar bem, de ser um bom cristão. Mas algo travava o seu coração e lhe diminuía a alegria e a descontração: o medo de se comprometer demais com qualquer coisa na vida.

Temia comprometer-se com uma moça e namorar a sério para chegar ao casamento; receava aprofundar demais na intimidade com Deus na sua oração, temendo ser chamado por Ele para algo maior; não se comprometia nem com os amigos, por receio de que acabassem tomando muito do seu valioso tempo; enfim, temia perder a liberdade, prendendo-se a qualquer coisa. Por isso, andava pela vida com “o freio de mão puxado”. O sacerdote, que não conhecia as suas disposições interiores, foi-lhe perguntando:

– Pode dizer-me o que o presépio lhe segredou? Já mudado, o rapaz respondeu-lhe: Posso, sim, e aliás preciso, pois tenho necessidade de desabafar.

Quando li o cartaz que estava ao lado do presépio, achei muito comprometedor o que dizia: “Deixe que os personagens lhe falem, ouça as suas confidências e impressões pessoais”. Confidenciar-me com uma pessoa, abrir de verdade o meu coração, era um risco que eu não estava disposto a correr.

Achando que dava uma de esperto, dirigi-me a um personagem inanimado do presépio: à estrela de Belém..., com uma pergunta que a princípio não parecia nem um pouco comprometedor: “O que você está fazendo aí?” Não esperava resposta nenhuma de uma estrela. E, se me respondesse alguma coisa, provavelmente diria: “Eu?... Nada. Estou aqui parada, dando um pouco do meu brilho à noite”.

Só que, para minha surpresa, a estrela respondeu-me de maneira totalmente desconcertante:

– Eu sou a estrela da vocação, da vocação dos reis magos; e não só da deles, mas também da de todos os cristãos, e portanto também da sua! Assustei-me com essa interpelação tão direta e, para fugir do tema, desviei o assunto para bem longe de mim:

– Por que você diz que é a estrela da vocação dos reis magos? – Não conhece a história? – perguntou-me a estrela –. Pois bem, eu lhe conto. Uns reis magos, esses que você vê logo ali em frente, estavam no Oriente, quando Deus me enviou para anunciar-lhes, na sua linguagem, que ia nascer um rei. Pelo meu brilho, perceberam que se tratava de um rei muito especial: que o Rei de Israel era o rei do mundo inteiro, que era o Messias, o Filho de Deus prometido aos judeus. Mas não foi nada simples, nada fácil, conseguir que os três reis me vissem. – Mas por quê – perguntei-lhe –, se você é uma estrela tão brilhante?! – Não digo ver com os olhos, pois foi precisamente ao verem o meu brilho que ficaram intrigados, pesquisando, perguntando-se em que isso lhes dizia respeito. Difícil foi quererem ver mesmo: quanto mais claro ia ficando o meu significado para eles, mais dificuldade tinham em encarar-me... Eu anunciava a vontade de Deus para eles, era uma chamada do próprio Deus, criador do universo, Senhor da História da humanidade e Senhor das suas vidas. Era uma chamada que exigia uma resposta, um pedido que solicitava uma correspondência, que comprometia. Graças a Deus, perceberam que essa chamada vinha de Deus, não de mim: eu só lhes mostrava o caminho que Deus queria que percorressem nas suas vidas. Deram-se conta de que esse era o sentido mais profundo das suas vidas...

Respondi à estrela:

– Impressionante! Eram, sem dúvida, uma chamada e uma missão muito especiais: adorar o Menino Deus pessoalmente e oferecer-Lhe os seus dons. A estrela respondeu-me:

– Mais impressionante ainda foi a forma como corresponderam a essa chamada... Prepararam-se imediatamente para empreender a viagem seguindo as minhas indicações. O trajeto foi longo e penoso. Passaram por desertos sem uma gota de água. Passaram por montanhas cheias de neve e de abismos ameaçadores. Dormiram muitas vezes ao relento, passaram frio, tiveram medo... E Deus pediu-me, em um determinado momento, que me ocultasse, me escondesse. Mas os reis, que já sabiam a direção, não hesitaram em continuar a caminhar...

Nesse momento, voltando-me para eles, perguntei-lhes:

– Vocês não tiveram a tentação de desistir? Não pensaram que Deus estava pedindo muito de vocês? Não pensaram que o sacrifício era demasiado? Eles, sorrindo, disseram-me com a maior simplicidade:

– Vimos a estrela e viemos. E valeu a pena... Encontramos a Deus, que precisava de nós, do nosso carinho, dos nossos dons. Se os nossos dons, que o próprio Deus nos concedeu na vida, não são para Ele, que sentido têm? Que sentido tem a nossa vida? Ao doarmos-nos a Deus, recebemos muito mais em troca: a felicidade indescritível da sua companhia.

– É verdade, vocês tiveram a sorte de ver a estrela de Belém... A estrela interrompeu-me, impaciente:

– E você, pensa que não sou também a sua estrela? Acha que Deus não contou com você nos seus planos? Pensa que há algum filho de Deus que não tenha recebido um chamado e uma missão a cumprir na terra? Ou será que você é o único que veio à toa para este mundo, sem nenhuma finalidade a cumprir?

Fiquei sem palavras ao ver-me posto assim “contra a parede”. Mas os reis continuaram:

– Rapaz, é verdade. Cada um de nós tem a sua estrela. E como é importante vê-la!, porque só então se entende o sentido da vida. A estrela é a nossa vocação, e a sua luz indica e esclarece a nossa missão, aquela que Deus nos confiou. Todo o cristão tem a sua estrela. A estrela da vocação ilumina não apenas a nossa relação pessoal com Deus, mas toda a nossa vida, mostrando-nos o que Deus espera de nós na nossa família, no nosso ambiente de trabalho, em relação aos nossos parentes e amigos, na nossa sociedade como um todo... Para alguns, a estrela aponta para o casamento como caminho da sua vida; a outros Deus pede mais, pede o coração por inteiro... E a nossa realização e felicidade mais profunda está em sermos fiéis à nossa estrela. Quando abrimos os olhos para enxergar a nossa estrela, fica claro o sentido de toda a nossa existência. Todas as peças da vida passam a ocupar o seu lugar, como as peças de um mosaico: o passado e o presente, os sonhos, o trabalho, o amor, as dificuldades, tudo fica mais claro e se harmoniza com o restante.

Eu, que ainda resistia a essa avalanche de argumentos, defendi-me:

– E a minha liberdade, como é que fica? Os reis, pacientemente, disseram-me: – Liberdade, para quê? A liberdade é para algo... A liberdade não tem sentido se não é para algo... Se não, não é liberdade, mas escravidão. Ficamos presos à falta de compromisso na vida. Ser livre não é ser nada nem ninguém. A nossa verdadeira liberdade está em podermos realizar a missão que Deus nos confiou nesta vida. E a estrela concluiu:

– E quem vive assim é feliz. Veja a alegria dos reis magos. Eles encontraram a Deus e ficaram repletos de uma profunda alegria. Padre, essas palavras tocaram-me o coração! Depois disso, diante do Menino no presépio:

– comprometi-me a não me esconder da minha estrela... e a fomentar o desejo de ver a minha vocação; – entendi que toda a decisão nos compromete: mesmo quando não nos mexemos, compromete-mos-nos com a inércia e a inatividade; – entendi que vale a pena comprometer-me com aquilo que tem valor, e principalmente com aquilo que Deus me pede; – vi que estava sendo egoísta ao não querer comprometer-me com nada nem com ninguém..., a não ser com a minha comodidade. Peça que o senhor reze para que eu consiga ver a minha estrela e a segui-la.

Nessa noite, antes de fechar a igreja, o sacerdote disse a Jesus no presépio: “Senhor, eu não pedia tanto”.

A LIÇÃO DE NOSSA SENHORA: A RESPOSTA DA FÉ

No dia seguinte, uma moça que viera assistir a um casamento na igreja aproximou-se do presépio, pois gostava de olhar as figuras. Emocionava-se ao contemplar a cena tão singela e comovente do nascimento de Jesus em Belém.

Era uma moça de bons sentimentos e temperamento forte, mas de fé fraca. Quando os seus pais a corrigiam ou lhe davam bons conselhos, quase sempre respondia:

–Eu sei como comportar-me. Não me venham dizer o que devo e o que não devo fazer. Já sou bem “grandinha” e capaz de tomar conta da minha vida.

Aliás, não aceitava conselhos vindos de ninguém. Embora fosse católica, não acatava o que a Igreja dizia sobre o modo de os cristãos se comportarem. Achava que a fé nada tinha a dizer quanto à sua vida pessoal: quanto ao namoro, à forma de vestir e aos programas que fazia, quanto à sua forma de tratar os pais e conhecidos, enfim, a tudo o que fazia. Tanto que, quando alguém lhe recordava algum preceito da Igreja ou os mandamentos de Deus, revoltava-se e dizia:

– Eu é que sei o que é bom e o que é mau para mim. Que ninguém me venha dizer o que é certo e o que é errado. Essa era a ferida que trazia aberta no coração: uma fé fraca, baseada apenas em sentimentos e opiniões, e não nos ensinamentos de Cristo e da sua Igreja.

Vendo-a demorar-se junto do presépio, o sacerdote, depois que ela terminou, aproximou-se dela e perguntou-lhe:

– Vejo que você está emocionada; que aconteceu? Perguntou alguma coisa ao presépio? – Padre, não sei se o senhor vai acreditar no que lhe vou contar. Mas as figuras do presépio falaram-me ao coração. – É claro que acreditarei. Elas têm dito muito a várias pessoas. Padre, não sei se o senhor entenderá bem o que vou dizer. Quando vi o seu cartaz, atrevi-me a fazer uma pergunta aberta a todas as figuras do presépio:

– Digam-me: de que modo surgiu o Natal? E como fiquei surpresa quando São José começou a responder a essa pergunta que eu tinha lançado ao ar:

– Como surgiu o Natal? O Natal surgiu da plena aceitação dos planos de Deus por parte da minha esposa, Maria. E pôs-se a explicar-me:

– Quando Deus enviou o Arcanjo Gabriel a Maria, para anunciar-lhe que tinha sido escolhida entre todas as mulheres para ser a Mãe de Jesus, o Filho do Deus Altíssimo, Maria livre e amorosamente respondeu que sim a Deus, aderindo de corpo e alma à sua vontade. Nesse momento, surgiu o Natal no coração de Maria. Embora São José tenha sido muito delicado na sua resposta, senti-me acuada pela sua explicação, pois vislumbrei o enorme contraste entre a reação de Nossa Senhora e a minha. E respondi sem pensar, como tantas vezes faço:

– Mas Nossa Senhora não disse que sim tão facilmente, sem reclamar; Ela também disse ao Anjo: mas como?! Padre, nesse momento levei um susto enorme, pois o anjo do presépio saiu voando até deter-se na minha frente, para ele mesmo responder à minha pergunta. Penso que era o próprio Arcanjo Gabriel, porque estava bem a par de tudo o que tinha acontecido na Anunciação. O Anjo, então, disse-me:

– Nossa Senhora de forma alguma disse mas como?!; simplesmente perguntou como...? É verdade que muitas pessoas dizem como? quando querem desculpar-se e esquivar-se à vontade de Deus para com elas. Aliás, confesso que já estou cansado de ouvir as suas desculpas: “Como posso rezar ou dedicar-me mais a Deus no meu dia, se não tenho tempo nem para mim?”

“Como posso entender-me melhor com as pessoas da minha família, se elas não me ouvem, se eu não tenho jeito nem paciência para tanto «papo furado»?”

“Como posso superar esse defeito, se sempre fui assim?”

“Como falar de Deus com os outros, se eu morro de vergonha?”

“Como viver a caridade no meu ambiente de trabalho, se todo o mundo se dedica a falar mal dos outros?”

“Como namorar direito, se todo o mundo namora de outro jeito?” É verdade que as desculpas que começam com a palavra como são intermináveis! Mas o como de Maria foi totalmente diferente. Foi uma pergunta generosa, amorosa e amável. Perguntou como porque queria saber exatamente de que modo cumprir na sua vida o que Deus lhe pedia. “Como será isto? Como devo comportar-me?”, e não ao contrário.

Padre, foi então que Nossa Senhora tomou a palavra. Reparei que, enquanto Ela falava, o anjo do Senhor se inclinou em sinal de profundo respeito pelas suas palavras. E Maria disse-me:

– Eu não esperava ser a Mãe do Messias, do Salvador. A bem da verdade, eu até já havia descartado essa possibilidade quando me decidi a permanecer virgem para sempre. Se perguntei como, foi porque queria saber como poderia ser virgem e mãe ao mesmo tempo. Se perguntei como, foi para dar um sim totalmente consciente ao que Deus me pedia. E o Anjo foi muito delicado e atencioso comigo, pois respondeu detalhadamente como seria tudo: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso mesmo o Santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus”. O anjo voltou a intervir, fazendo-me notar a importância fundamental da resposta de Nossa Senhora na história da nossa salvação:

– Nesse momento, todo o céu parou, todos os anjos ficaram pendentes da resposta de Maria. Que alegria sentimos todos quando ouvimos as suas sublimes palavras: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. Nesse momento, Deus encarnou-se no seio da Virgem Maria para habitar entre os homens. Houve um imenso resplendor de luz no céu, um clarão tão intenso como nunca houve igual. Nem mesmo no dia da Criação, quando Deus disse: “Faça-se a luz”, foi assim. Quando Maria disse: “Faça-se em mim”, começou a brilhar a luz da Redenção, da Salvação do mundo, mais brilhante ainda que a própria luz da Criação do universo.

Essas palavras tocaram a fundo a minha alma. Perguntei então ao anjo:

– Então quer dizer que Nossa Senhora não vacilou nunca? Nunca impôs condições nem levantou restrições a Deus? – Exatamente. Que diferença – não é verdade? – entre o coração imaculado de Nossa Senhora e o coração das outras criaturas humanas! Vocês, seres humanos, têm um péssimo costume: o de negociar com Deus. “Vou fazer isso que Deus me pede, se antes Ele me conceder aquilo que estou pedindo”, “Se passar nesse concurso, vou rezar um terço”, “Só vou à Missa no final de semana se conseguir colocar em dia os meus assuntos pessoais”, “Serei amável com os outros se eles forem amáveis comigo”, “Vou andar com esses amigos enquanto for legal para mim andar com eles”...

Por fim, São José, com quem o diálogo tinha começado, voltou a intervir, concluindo:

– Eu sou testemunha de que Maria nunca impôs condições ou restrições a Deus. O seu sim foi total e para sempre. Ao longo da sua vida, manteve o mesmo brilho, a mesma força e a mesma alegria em todas as circunstâncias, nas fáceis e nas difíceis, nas felizes e nas dolorosas. As dificuldades nunca anularam nem enfraqueceram esse seu sim. Maria foi sempre fiel a Deus.

Padre, desculpe-me se eu me comovo agora, ao pensar novamente no sim irrestrito de Maria! Enfim, depois desta conversa com as figuras do presépio, ajoelhei-me diante do Menino Jesus e, em oração, disse-Lhe:

– Perdão, meu Deus, por todas as vezes em que preferi a minha opinião à vossa palavra de verdade e de amor, e sem fundamento nenhum! Perdão também pelas vezes em que Vos desprezei ao desprezar os ensinamentos da vossa Igreja. Meu Deus, dai-me a fortaleza da vossa graça para cumprir a vossa amável vontade, mesmo que me custe. Meu Menino Jesus, fizeti-me também criança pequena diante de Deus, para que me deixe guiar pela vossa mão poderosa e pela vossa imensa sabedoria. Voltei-me para Nossa Senhora e disse-lhe:

– Minha Mãe, que os meus comos sejam semelhantes aos vossos: visando sempre descobrir a vontade de Deus a meu respeito e encaminhados a dizer-Lhe um sim incondicional, a dar sempre uma resposta amorosa de fé. Padre, só agora que percebi quanto tempo fiquei aqui diante do presépio! Preciso ir andando; senão, os meus pais podem ficar preocupados. Muito obrigada por este presépio!

A LIÇÃO DE SÃO JOSÉ: ESQUECIMENTO PRÓPRIO

Outra das pessoas que se aproximaram do presépio foi um homem de semblante triste. Estava deprimido porque se sentia carente. Ultimamente andava pensando muito em si próprio, fazendo uma espécie de balanço da vida, mas pesando-a em uma balança antiga – daquelas de dois pratos, em que em um prato se punha a mercadoria e, no outro, os pesos. No seu caso, o prato onde punha os pesos era o prato da sua satisfação pessoal.

Andava insatisfeito com a vida, pois oprimiam-lhe o coração diversos pensamentos: “As pessoas lá de casa não reconhecem o meu valor, tudo o que faço por elas. Mato-me e esfolo-me para lhes dar um futuro melhor, segurança na vida, e não percebem!

“Parece que nem sou mais necessário em casa. Já não me consultam sobre as coisas que querem fazer, apenas me informam o que já decidiram.

“A minha esposa não é mais tão carinhosa como no princípio do nosso casamento. Sempre que está em casa, só pensa nos filhos e praticamente não tem mais tempo para mim.

“Mesmo no trabalho, percebo que já não sou tão valorizado como era antes. Quase nunca recebo uma palavra de elogio, e percebo que jovens talentosos são mais apreciados e prestigiados.

“E todos em casa só querem saber dos meus serviços – «Leve-me para cá, leve-me para lá»! Acho que só sirvo para ser o motorista da família...

“E quando vou descansar um pouco, distraíndo-me com um jogo de futebol na televisão, ou curtindo algum hobby pessoal, uma leitura interessante..., logo alguém reclama, dizendo praticamente que sou um pai ou um marido ausente.

“Assim não dá. Precisam valorizar-me um pouco mais. Eu tenho os meus direitos”. Pensava assim até que se pôs diante do presépio, sem outras disposições que contemplá-lo um pouco: “Deixe-me ver este presépio, ao menos para encerrar a semana com uma imagem bonita”. Mas, como não podia deixar de ser, acabou capturado pela cena e ficou um bom tempo diante dela.

Quando já ia voltar para casa, o pároco deteve-o:

– Por favor, posso fazer-lhe uma pergunta? Só queria saber se o senhor gostou do presépio deste ano... – Se gostei do presépio? Fez-me esquecer todas as minhas tristezas. Com a curiosidade atizada, o sacerdote insistiu:

– Importa-se de contar-me o que aconteceu? – Com todo o prazer! Mas não sei se o senhor dispõe do tempo suficiente para ouvir-me... – Tenho todo o tempo do mundo!, disse o padre, orgulhoso do seu presépio. Pois bem. Ao aproximar-me deste presépio, andava muito abatido e até deprimido... Foi quando resolvi desabafar diante das figuras:

– Algum homem pode ser feliz nesta terra?, perguntei. Ouvi então uma voz doce e meiga que me respondia. Olhei melhor e vi que saía da imagem de Nossa Senhora:

– Se conheço algum homem feliz? Claro que sim! O meu esposo José é um homem feliz, extremamente feliz, de uma alegria transbordante. – Minha Mãe, por que o vosso esposo é tão feliz? Nossa Senhora virou-se para São José e disse-lhe:

– José, acho melhor você mesmo responder-lhe.

José, como quem já deu muitas voltas ao assunto, explicou-me imediatamente:

– Porque, na minha vida, só tenho motivos para agradecer a Deus. Sou o homem mais feliz do mundo, pois tenho por esposa Nossa Senhora, a criatura mais bela e pura que Deus criou, e por filho na terra o próprio Filho de Deus. Viver com eles é para mim um céu na terra. Para minha alegria e surpresa, Nossa Senhora interveio, arrancando mais confidências de São José. Disse ao seu esposo:

– José, por que não lhe conta qual foi o dia mais feliz da sua vida? José confidenciou-me:

– Maria sabe que há dois dias que considero os mais felizes da minha vida. O maior, sem sombra de dúvida, foi o dia de Natal, quando vi o Menino Jesus pela primeira vez e o tomei em meus braços. E o outro foi aquele em que entendi que Deus contava comigo para cuidar de Maria e de Jesus, quando entendi a minha missão de esposo de Maria e pai de Jesus na terra. Bem, fiquei curioso por saber mais sobre esses dias. E pensei: “Se foi Nossa Senhora a colocar o tema, posso perguntar o que quiser...” E di-rigi-me a José:

– E por que o Natal foi o dia mais feliz da sua vida? – Porque Jesus passou a ser também meu filho. Eu podia vê-lo, cuidar dEle, abraçá-lo..., ter com ele essas manifestações de carinho próprias dos pais. Maria também sempre me tratou como chefe de família. Quando tomei consciência disso, prometi a Deus que aquilo que não fui pela natureza – o pai de Jesus –, haveria de sê-lo pelo amor, pelo cuidado que teria com o Menino, e senti que Deus Pai me confirmava nessa missão.

– E o segundo dia mais feliz? – Aquele em que acabaram as minhas perplexidades diante da gravidez de Maria. Nunca duvidei nem pensei mal dEla, pois já intuía que Maria participava de um mistério inefável que Ela não me podia revelar, mas pensava que esse mistério não me dizia respeito. E decidi afastar-me dEla, apesar de amá-la tanto, pois pensava que eu não fazia parte dos planos de Deus. Foi quando Deus me disse, por intermédio de um anjo que me apareceu em sonhos: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nEla foi concebido é obra do Espírito Santo”. Entendi então que Maria tinha sido escolhida para ser a Mãe do Messias: só Ela podia merecer esse privilégio. E entendi que eu também devia ter um papel nesse plano grandioso de Deus.

Maria quis mostrar-me com mais clareza ainda a grandeza de alma de José e explicou-me:

– José, como era santo, era incapaz de pensar mal de ninguém ou de julgar alguém precipitadamente. E como me amava, não quis difamar-me, preferindo ficar ele pessoalmente muito malvisto diante da opinião pública. Se ele me deixasse, como pensava fazer, o povo o chamaria de tudo: irresponsável, covarde... Pensariam que ele me tinha deixado grávida e depois não quisera

assumir a responsabilidade de criar um filho... E dessa forma eu ficaria em paz, inocentada. José, como sempre, preferiu ficar mal ele para que eu ficasse bem!

A seguir, São José continuou:

– Você pode imaginar o alívio que experimentei quando soube que não precisava separar-me de Maria. O anjo disse-me que não temesse recebê-la. Que felicidade! E assim o fiz, o mais rápido possível. Além disso, o anjo revelou-me a minha própria missão com relação a Jesus, ao dizer-me: “Pôr-lhe-ás o nome de Jesus, porque salvará o seu povo dos seus pecados”. Deus queria que eu assumisse o papel de pai de Jesus dando nome ao seu Filho. Maria interveio novamente:

– José foi o melhor pai que Jesus poderia ter. Quando Herodes procurava Jesus para matá-lo, José levantou-se de noite, tomou-nos consigo e partiu para o Egito. E quando já era hora de voltar, também o fez com sabedoria. Depois de Jesus, nunca vi outra pessoa tão sintonizada com a Vontade de Deus. Meu filho, você me perguntou no começo por que José era feliz. Além dos motivos que ele já lhe contou, penso que há um outro grande motivo para a sua imensa alegria: nunca pensou em si mesmo e, por isso, nunca teve problemas pessoais. Vivia pensando em Jesus e em mim. Mesmo nas dificuldades, estava sempre sereno e feliz: bastava-lhe estar conosco, era tudo o que queria.

Padre, o presépio disse-me assim tudo o que eu precisava ouvir naquele momento. Já podia tirar as conseqüências por mim mesmo. Tirei-as e as depus aos pés do Menino Jesus, como o meu presente de Natal.

Se José era o homem mais feliz do mundo por ter Maria como esposa e Jesus como Filho, eu também tinha Maria e Jesus: Maria como minha mãe, já que Jesus nos deu Nossa Senhora como Mãe; e o próprio Jesus, sempre que me aproximava da Sagrada Comunhão. Só com isso, tinha motivos de sobra para estar feliz e agradecer muito a Deus.

Além dos dons sobrenaturais – principalmente a fé –, tenho que agradecer a Deus os enormes dons que me concedeu na vida: uma família bem constituída, um bom trabalho, saúde, um vasto círculo de amizades, um sem-fim de dons e talentos que Deus me proporcionou.

Concluí também que os meus problemas pessoais vinham, no fundo, de que eu pensava demais em mim, na minha própria satisfação pessoal. José ensinou-me que o importante é sabermos passar por cima de nós mesmos para podermos cumprir da melhor forma possível a nossa missão.

Pedi a Jesus Menino, como presente de Natal, que eu soubesse viver esquecido de mim para encontrar a alegria profunda da doação desinteressada aos outros:

– Jesus Menino, que eu não me importe de que outros sejam mais apreciados e amados; de que outros ocupem posição de mais destaque; de que outros tenham algum talento que eu não tenho. Jesus Menino, que só me preocupe de pôr todos os meus talentos a serviço da missão que Deus me confia, e os use para servir as pessoas que tenho à minha volta. Bem, padre, já está ficando tarde, devo ir andando, pois a minha família pode estar precisando de mim.

O padre começou a sentir uma saudável “inveja” das conversas dos seus paroquianos com o presépio das crianças. E foi deitar-se com o firme propósito de, no dia seguinte, pôr-se também ele mesmo diante do presépio para ouvir o que tinha a dizer-lhe.

A LIÇÃO DAS CRIANÇAS: FAZER-SE PEQUENO

Era a véspera do Natal. O padre acordou muito cedo, como de costume, e dirigiu-se à igreja para fazer a sua oração diante do presépio das crianças. Estava ansioso por conversar com as figuras, mas receava que outras pessoas pudessem ouvir a conversa e, ao entrar, fechou a porta da igreja.

Acendeu apenas as luzes que iluminavam o presépio para estar mais recolhido. Ao aproximar-se, porém, notou algo estranho: as figuras pareciam menores que o habitual. Chegou a pensar que o sacristão as tivesse trocado por outras menores. Ao chegar mais perto, porém, notou que algo de surpreendente havia acontecido: José havia-se tornado um menino; Maria, uma menina; os pastores, pastorzinhos; e os reis, pequenos príncipes... Além deles, havia novas figuras que antes não tinham estado ali: podiam-se contar ao todo quatro príncipes, ao invés dos três reis magos; um pastorzinho a mais; uma menina próxima de Maria; e um menino perto de José.

Em voz alta, o padre exclamou:

– Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Que alguém me explique!

E como ele se tinha dirigido diretamente a Deus,

foi o Menino Jesus quem começou a falar-lhe ao coração:

– Meu padre, por que você se assustou tanto? Já não lhe havia dito que, para entrar no reino de Deus, era preciso fazer-se criança? Pois bem, para entrar no meu presépio e viver o Natal, também é necessário ter coração de criança, fazer-se pequeno. A minha Mãe sempre manteve o seu coração assim: inocente e puro como o de uma criança pequenina, e mais puro ainda, pois não tinha o germe da inclinação para o mal que as crianças trazem dentro de si e que se manifesta quando crescem e se tornam adultas.

O meu pai, José, sempre viveu com a ternura de um menino pequeno que deseja agradar em tudo ao seu Pai, Deus. Era tal o seu amor que estava o tempo todo voltado para o Pai, confiante no seu poder, sereno apesar das enormes dificuldades por que passou na vida.

Os meus pastores e os meus reis, ao verem-me no presépio e se despojarem dos seus bens e posses para me servirem e sustentarem, também ofereceram como o melhor dos seus dons o amor dos seus corações de meninos.

O que você vê agora é a realidade espiritual... No céu, só há crianças, e no meu presépio também.

– Meu Menino Jesus, nunca tinha pensado assim: que no céu só há crianças, isto é, pessoas com coração de crianças! Mas quem são aquelas outras figuras do presépio? Elas não estavam ali antes!

– Não as reconhece?! Repare bem nos seus traços: não lhe são familiares? – Jesus, desculpe-me, mas a minha memória é muito fraca. – Então vou pedir-lhes que elas mesmas se apresentem e expliquem como vieram parar aqui. As crianças, bem comportadas, puseram-se em fila para cumprimentar o sacerdote. O pastorzinho disse:

– O meu nome é Gáudio. Nós conversamos ontem, embora não lhe tenha dito o meu nome. Só que ainda não me havia feito pequeno. Contei-lhe, padre, como superei a minha tristeza ao aprender de São José a ser muito agradecido a Deus pelos seus imensos dons e a viver esquecido de mim mesmo.

– É verdade, eu o reconheço! Mas como você rejuvenesceu! Por que se tornou um pastorzinho?

– Depois de conversar com as figuras do presépio, procurei mudar de atitude em casa; em vez de viver em busca da minha satisfação pessoal, passei a viver para a minha esposa e os meus filhos. Comecei a sentir uma alegria transbordante e, olhando para Jesus no presépio que montei em casa, disse-lhe em oração:

“Meu Jesus, como desejo ser como Vós, o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, que conhece profundamente cada pessoa e a chama afetuosamente pelo seu nome, porque a ama de verdade. Que eu saiba conhecer bem todas as pessoas que me estão confiadas e interessar-me até pelos detalhes mais insignificantes de cada uma. Que eu saiba protegê-las do perigo como o bom pastor protege as ovelhas do lobo. Que eu saiba curá-las quando se machucam e levá-las sobre os ombros quando for preciso”.

E, de repente, o Menino Jesus disse-me: “As suas orações foram ouvidas. Eu lhe dou um coração novo, o coração de um bom pastor”. Foi ouvir essas palavras e transformar-me em um pastorzinho, e vir parar aqui no presépio desta igreja.

O pastorzinho saiu da fila, deixando o príncipezinho na frente do sacerdote. Esforçando-se por reconhecer os seus traços, o padre perguntou-lhe:

– Você não é por acaso o homem de terno e gravata com quem falei há uns dois dias? – Exatamente. Chamo-me Paupério.

– Conte-me como foi que você se tornou um príncipezinho.

– Bem, foi simples. Diante do presépio da minha casa, montado por minha esposa, disse ao Menino Jesus em oração:

“Meu Jesus Menino, Rei dos reis, que nos ensinastes que reinar é servir, que é maior aquele que serve, aquele que se torna servo de todos, peço-vos que eu saiba ser rei à vossa maneira. Que, como os reis magos, eu saiba pôr os meus bens a serviço de Deus e dos outros. Que, na minha vida, eu só Vos adore a Vós, Senhor, e nunca mais adore os falsos deuses do dinheiro, das posses, do poder e do status”. E de repente ouvi a voz do Menino no meu coração: “As suas orações foram ouvidas. Eu lhe dou um coração de rei, de um pequeno rei mago”. Ao som dessas palavras, vim parar aqui, no presépio desta igreja, transformado já em um pequeno rei mago.

O príncipezinho afastou-se e deu lugar a uma bela menina. Antes que o sacerdote pudesse dizer qualquer coisa, ela começou:

– Chamo-me Mariana. Fui aquela moça independente, que não se submetia a nada nem a ninguém, nem aos meus pais nem a Deus, e que só se deixava guiar pelos sentimentos do momento. Depois de conversar com as figuras do presépio, decidi ser mais coerente com os meus valores mais profundos e viver de fé, e passar também a comportar-me em casa, nas festas, no namoro, de acordo com as palavras de Cristo e os ensinamentos da Igreja. Disse a Jesus que desejava viver para sempre a pureza da Virgem Maria, que desejava viver sempre ao lado dEla e seguir o seu exemplo, dando uma resposta de fé e generosidade a Deus em cada momento da minha vida. E então Jesus disse-me: “Já que você deseja ser como a minha Mãe, faça-lhe companhia no meu presépio”. E aqui estou.

O último da fila foi o menino que estava ao lado de São José:

– Chamo-me José Renato. Estou aqui fazendo companhia a José porque ontem resolvi passar de novo por esta igreja para contemplar o presépio que fala e conversar com Jesus. Disse-Lhe que estava disposto a comprometer-me com tudo o que fosse preciso para cumprir a minha missão na

terra, com a mesma valentia e coragem de São José. Que gostaria de ser sempre um escravozinho de José: de comprometer-me também com um trabalho intenso e bem acabado como o seu na oficina de Nazaré, com a esposa que espero encontrar em breve como ele se comprometeu com Maria, e principalmente com a minha vocação cristã.

Ouvi então o Menino Jesus que me dizia: “O seu pedido é uma ordem para mim”, e vi-me imediatamente no presépio ao lado de São José, a quem tanto admiro.

Depois de cumprimentar todas as crianças do presépio, o padre voltou-se para o Menino Jesus a fim de agradecer-Lhe aquela imensa graça:

– Senhor, muito obrigado por toda esta maravilha que os meus olhos vêem. Penso que uma das feridas do meu coração já foi curada: com o passar do tempo, fiquei muito pessimista com relação à capacidade de mudança interior das pessoas. Perdia facilmente a paciência com os meus paroquianos, pois via que voltavam a cair uma e outra vez nos mesmos erros. Agora percebo claramente que, com a graça que o Senhor lhes comunica, são capazes de mudar, e muito: basta olhar para o Gáudio, o Paupério, a Mariana e o Zé Renato. Vós, Senhor, fostes capaz de lhes dar um coração de criança... Já não tenho dúvidas quanto às maravilhas que a vossa graça é capaz de fazer com relação aos outros, mas, com relação a mim, desconfio um pouco não do vosso poder infinito, mas das disposições do meu coração. O meu coração, sem dúvida, envelheceu com o tempo. Antes, sonhava fazer maravilhas por Vós; antes, sonhava com ser santo de altar, não por orgulho, mas para Vos dar uma alegria com a minha vida.

Hoje noto que o meu coração endureceu:

– não sou mais tão sensível aos problemas dos outros e a minha alma está “calejada” depois de ouvir tantos problemas e pecados; – parece que o meu coração foi guardando profundas cicatrizes das ofensas que sofri na vida, dos desprezos e das faltas de consideração por parte de algumas pessoas; por mais que tenha tentado perdoá-las, ficaram-me algumas reservas e barreiras, algumas defesas difíceis de serem tiradas;

– fiquei ressabiado com as contínuas críticas que recebi e sei que sempre haverá alguém para me criticar, que é impossível contentar a todos; – e o que endureceu o meu coração foi não só a experiência da miséria humana em geral e da maldade de muitos corações, mas a experiência das minhas próprias misérias: da minha falta de paciência e das irritações com as pessoas com quem convivo, das minhas invejas, dos meus apegos e mesmo dos maus pensamentos que me passam pela cabeça. Sei que, em comparação com alguns, e diante de Vós, poderia considerar que as minhas faltas não são tão graves assim, mas... como me deixam longe dos ideais da minha juventude, como me deixam longe de Vós, de quem eu gostaria de ser o mais puro reflexo neste mundo! Jesus, pergunto-Vos: como pode o meu coração voltar a ser o coração de uma criança?

A LIÇÃO DO MENINO JESUS: APRENDER DAS CRIANÇAS

Jesus disse-lhe então:

– Meu padre, aprenda das crianças. Foi para que aprendessem de Mim que me fiz criança no

Natal, como as outras crianças que estão neste presépio. Repare como as crianças pequenas confiam totalmente nos seus pais. Eu sempre confiei em Maria e José, e no meu Pai Celeste. Sempre me abandonei nas suas mãos, sem me preocupar com nada.

– É verdade, meu Jesus! Reparo que, por saber abandonar-se, a criança pequena não é insegura, não é tensa nem angustiada. Sabe-se querida, protegida, amparada. Sabe-se amada. Sabe-se filha. É verdade, meu Jesus Menino: se vivêssemos mais confiantes nos cuidados diários que Vós nos prodigais e na vossa proteção que nunca nos falta, viveríamos mais seguros, pouparíamos tantas preocupações e inquietações bobas. Desapareceriam tantos desassossegos... Jesus Menino continuou, dando-lhe a receita para nunca desconfiar de que os corações possam mudar: pedir e pedir ao Pai dos céus.

– A criança, por confiar no poder de seus pais, é audaz no pedir..., é capaz até de pedir a lua. Não desiste até que o seu pedido seja atendido. Confia em que seu Pai lhe dará o melhor. Por isso, meu padre, recorde o que Eu disse em certa ocasião e que ficou registrado no meu Evangelho: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo aquele que pede, recebe; aquele que procura, acha; e ao que bater, se lhe abrirá”. O Menino prosseguiu:

– Outra lição que você deve aprender das crianças é o próprio modo como aprendem. Ficam felizes de progredir, de fazer novas descobertas, de aprender pouco a pouco os nomes das coisas, de começar a escrever... Fazem as coisas de modo imperfeito..., mas sempre com boa vontade e procurando melhorar.

– É verdade, meu Jesus: às vezes, impaciento-me com os meus defeitos, com as minhas deficiências, com a lentidão com que progrido. Percebo que por trás disso há um enorme perfeccionismo: quero que tudo saia perfeito e logo da primeira vez. Não gosto de fazer nada imperfeito: sinto vergonha, até me sinto ridículo diante da imperfeição. Se as coisas não saem como eu gostaria, revolto-me e desanimo... Dai-me, portanto, a graça de fazer-me criança para saber crescer e evoluir no meio da imperfeição.

– O que mais Me agrada é o amor com que se fazem as coisas e o desejo de fazer o melhor que se possa, mesmo que, por causa das limitações pessoais, não se consiga fazer nada perfeito.

– Mas, Jesus, noto em mim mesmo algumas más disposições, até má vontade, resistência em dar algo que o Senhor me pede e que me custa...

– Não é de estranhar. Qualquer criança precisa crescer em generosidade. Já reparou como uma criança que está apegada ao seu doce tira apenas uma lasquinha quando o pai lhe pede um pedaço? O importante é que dá a lasquinha, que o amor vence... Mais para a frente, será capaz de dar mais.

– Jesus, apesar das minhas más disposições, quero querer, quero ser generoso, embora hoje ainda não o seja. Obrigado, meu Menino, por Vos terdes feito criança e conversado comigo. Tenho alguns pedidos a fazer-Vos:

– que a minha alma nunca envelheça, para que não rebaixe os grande ideais que me pusestes no coração;

– que nunca deixe de sonhar os vossos sonhos de Menino, que nunca perca a capacidade de entusiasmar-me e de entusiasmar os outros com a vossa vida e as vossas palavras;

– e que, como sacerdote, eu seja realmente outro Cristo, o próprio Cristo.

E o padre ouviu do Menino Jesus: “Os seus desejos serão atendidos”.

Quando deu por si, já estava dentro do presépio das crianças. Havia-se tornado uma criança pequeníssima, envolta apenas em panos e deitada sobre as palhas de uma manjedoura, tendo à sua frente José e Maria...

À noite, o padre saiu do presépio para celebrar a Missa de Natal. Iniciou assim a sua homilia: “Hoje, não farei a homilia da forma habitual. Simplesmente contarei um conto, intitulado O presépio das crianças”.

Nota: A publicação deste conto no site Amigos do Presépio foi gentilmente autorizada pelo autor, Flávio Sampaio de Paiva o qual agradecemos imensamente.

www.amigosdopresepio.org